



PRÁTICAS RITUAIS NA CIDADE: O BARRACÃO DE ESCOLA DE SAMBA COMO EXPERIÊNCIA EDUCATIVA¹

Autor: Dedival Brandão da Silva

Doutor em Letras

Universidade Federal do Pará – dedivalbs@ufpa.br

Co-autor: Warllen Barros de Souza

Bolsista de Iniciação Científica PIBIC

Universidade Federal do Pará – warllensouzaws@gmail.com

RESUMO: O presente estudo analisa os ritos praticados no barracão de uma escola de samba de Abaetetuba como experiência educativa. O referencial teórico é o da antropologia dos ritos como objetos simbólicos: Peirano (2002, 2003), Segalen (2002), Gennep (1977), Rivière (1996), Geertz (1978) deslocando a perspectiva de que constituem práticas tradicionais e anacrônicas centradas apenas na religião. A metodologia utilizada está circunscrita à abordagem etnográfica e à observação participante. Entre os resultados apontados estão: os ritos não devem ser interpretados somente em sua forma, consistem no produto simbólico capaz de revelar aspectos significativos do cotidiano da vida social, quebrando aquele preconceito; o barracão constitui elemento estruturante de identidade social do grupo pesquisado, pois as experiências ali desenvolvidas constroem a ideia de pertencimento, uma representação de si, para si e para os outros. Além disso, seu território expressa espaço de trocas simbólicas permanentemente ritualizadas revelando assim a dimensão histórica da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Rito. Barracão. Experiência educativa.

INTRODUÇÃO

Ao considerar a cidade como espaço das práticas culturais, nelas os ritos funcionam como uma espécie de termômetro das experiências e valores dos diferentes grupos sociais. De fato, os ritos constroem as identidades à medida que em suas experiências estão contidos alguns elementos estruturantes tais como território, história, memória, tradição, prescrições, mitos, conhecimentos. A importância do presente estudo reside, portanto, em ao se analisar as práticas sociais vividas no barracão de uma escola de samba, o rito se apresenta como sendo a prática social que para além de

¹ O estudo foi parte da pesquisa intitulada *Cultura e educação: carnaval, cotidiano e processos educacionais em Abaetetuba 1980/2011*, desenvolvido na Faculdade de Educação e Ciências Sociais – FAECS, Campus de Abaetetuba/UFPA, entre 2011 e 2014.



sua forma, revela em seu conteúdo aspectos significativos acerca de conhecimentos e saberes ali veiculados, constituindo-se assim numa experiência educativa.

Assim sendo, o objetivo do presente estudo é demonstrar de que maneira os ritos são da ordem da cultura, e que em sua dinâmica, o comportamento ritual assume o estatuto de “motor dos processos sociais” incluindo a experiência educativa. Em seguida, tomo como *corpus* analítico as observações feitas no barracão de uma escola de samba de Abaetetuba e as práticas ali desenvolvidas, como formadoras da memória coletiva do grupo e de identificação social com o lugar, demonstrando assim que a cultura é alterada ou reproduzida na ação ritual residindo aí o sentido histórico da mesma.

DESENVOLVIMENTO

REVISÃO DA LITERATURA

Roberto Da Matta no Prefácio de *Os Ritos de Passagem* (GENNEP, 1977), fez importante observação acerca da complexidade do rito. Ao afirmar que “fazemos rito quando amamos e fuzilamos” sua assertiva carrega um forte simbolismo pois sinaliza que todo ato humano pode ser objeto de ritualização e que o mesmo apresenta variantes em termos de lugar, época e contextos sociais. Por isso, os ritos constituem ações particulares de fenômenos mais gerais da sociedade, posto que engendrados pelos diferentes sistemas sociais.

Há uma tendência de reconhecer o comportamento ritual como prática circunscrita apenas ao campo da religião. Contudo, a partir dos estudos de Genep (1977), o rito passou a ser estudado independente da religião, com dinâmica própria, independente de sua ocorrência.

Peirano (2003) considera que uma questão recorrente nos estudos do rito na atualidade reside no preconceito ao lidar com sua representação como se ele fosse prática do passado, da qual teríamos nos libertado pelo fato de ser tradicional e arcaico.

Compartilhando de que as práticas rituais não se restringem ao âmbito apenas da religião e sim que a análise de sua dinâmica deve partir de exemplos concretos do presente, os estudos de Claude Rivière (1996) são basilares no sentido de propor nova sociologia para os ritos a partir de um viés microsociológico. Segundo Roberto Motta, o rito é a “forma geral de expressão da sociedade e da cultura”, fato que amplia a perspectiva sociológica das práticas rituais. Motta (1996),



ao destacar que “o rito é a sociedade em ato” traduz uma herança sociológica durkheimiana, revelando a exemplo de outros autores (SEGALEN, 2002), a importância que ele vem assumindo na vida cotidiana das sociedades contemporâneas.

Uma abordagem que retoma a questão, é a do antropólogo Stanley Tambiah, cujas ideias são expandidas no Brasil e que resultaram na coletânea “O dito e o feito: Ensaios de antropologia dos rituais”, publicada em 2001, organizada por Mariza Peirano. A autora destaca na formulação daquele autor a ação performativa como elemento dinamizador da sociedade e da ação social: o rito não está preso ao nível da ação ou da representação de forma isolada e sim que a ideia da performance é inerente tanto ao dito, ao pensar, quanto ao fazer. A ideia do performático relaciona-se, portanto, à capacidade que o rito assume de “comunicar, fazer, modificar, transformar”, eliminando qualquer sentido de essencialização.

RESULTADOS

Na análise feita no espaço destinado ao barracão no que tange às suas práticas, observou-se os seguintes aspectos:

- a) Trata-se de território estruturante na construção de uma identidade de grupo. Por meio dele é possível verificar a memória histórico-cultural de pessoas ou do grupo ou seja, os acontecimentos vividos pessoalmente no lugar, ou mesmo vivido pelo grupo. Tais experiências permitem uma ligação muito estreita entre o trabalho da memória e o sentimento de pertencimento e de identificação social, pois a representação que é feita a partir da experiência vivida assume diferentes sentidos: reforça ou marca um posicionamento político no contexto do grupo ou da sociedade, imprime uma representação “de si, para si e par os outros”, como bem observou Michael Pollack no seu clássico estudo sobre memória e identidade social.
- b) O barracão é um espaço de trocas simbólicas permanentemente ritualizado. As trocas assumem três dimensões: concepção, execução e socialização, momentos liminares. Uma vez concebido, é necessário dar cabo de sua materialidade, cuja tarefa depende da divisão do trabalho com papéis distintos entre os participantes.

Na produção dos artefatos observa-se que os mesmos são resultados de ações rituais. Assim, entre a preparação, a duração do trabalho artesanal e sua conclusão são vivenciados inúmeros ritos de passagem na acepção que lhe dá Genep (1977): separação, margem e agregação. No trabalho de



socialização das tarefas, cada ação é mediada por um comportamento ritualizado numa sequência de gestos e ações repetitivas e rotineiras num *continuum* visando a finalização do artefato. Já as situações liminares, como propriedades do rito, envolvem situações espontâneas porém criativas.

É por essa razão que a performance ritual assume para o antropólogo Stanley Tambiah o sentido de ele ser “um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, frequentemente expresso por múltiplos meios” (PEIRANO, 2003, p. 40)

O rito como instância social de trocas reside no ato de conceber o artefato, onde o artesão projeta nele além de sua criatividade estética, afeto, sentimento, valores, que são agregados ao bem fabricado, e as relações experienciadas irão ter sua ressonância na recepção do público ao apreciar aquele artefato no conjunto da obra. Por outro lado, além das relações sociais, o que se troca são saberes intrínsecos à vivência do lugar. Se no barracão são trabalhadas uma “lição de coisas”, o aprimoramento de um artesão ou trabalhador do barracão, pode ser produto de sua cultura prévia, trazida de sua história de vida a qual ao ser compartilhada nessa espécie de “laboratório vivencial” por meio da troca de experiências com outros profissionais permite a ele desenvolver com maior maestria seu saber-fazer-aprender.

DISCUSSÕES

Ao analisar a origem do simbolismo em *As formas elementares da vida religiosa* (DURKHEIM, 1989) e buscar uma definição para a religião, informa da importância da função dos ritos nas práticas sociais demonstrando a natureza social da religião. Tais observações ao serem relacionadas às teorias antropológicas da cultura confirmam o princípio segundo o qual a cultura é que fornece nossas representações. Na elaboração da perspectiva culturalista de Boas (2007 [1896]), por exemplo, cada cultura segue seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrenta, informando que na abordagem antropológica da cultura parte-se sempre das práticas sociais concretas.

Em relação às chamadas abordagens idealistas de cultura (LARAIA, 1986, p. 60-65), merece destaque a que considera a cultura como sistema simbólico. Nessa perspectiva segundo aponta Geertz (1978), está o fato de o homem se relacionar à natureza atribuindo significado às coisas,



cabendo ao antropólogo a tarefa de compreender os significados simbólicos socialmente constituídos que informam toda e qualquer ação social.

Nessa perspectiva, Durham (1984), observa que em relação ao conceito de cultura e à investigação antropológica “parte-se das práticas sociais concretas e das representações formuladas por grupos ou categorias sociais e sua relevância política só pode ser determinada *a posteriori* (*ibid.*, p. 87). Portanto, segundo a autora a cultura é uma experiência comum a todas as sociedades enquanto a ideologia assumiu uma dimensão historicamente determinada e, dessa forma, diversa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ritos praticados na cidade fornecem o substrato da memória e da história do carnaval das escolas de samba, ao mesmo tempo que permitem a construção de narrativas em cujas temporalidades estão inclusas as duas grandes oposições da cultura: enquanto forma de conhecimento e de saber e como relação de poder, nas quais permeiam as experiências educativas que repassam a tradição. As práticas rituais como produtos simbólicos contrapõem-se assim a uma visão reificada de rito apreendido apenas enquanto *forma* deixando de lado seus verdadeiros significados, ou seja o trabalho cotidiano e os contextos de suas produções.

Enquanto espaço de trocas simbólicas o barracão se apresenta como um fenômeno social total, revelando que a reciprocidade ali encontrada põe em movimento uma série de atividades sociais, culturais de ordem pessoal e coletiva, de ordem fabril e ritual, confirmando-se a teoria formulada por Mauss acerca da troca como fundamento da reprodução social.

REFERÊNCIAS

BOAS, Franz. As limitações do método comparativo da Antropologia In: **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DURHAM, Eunice R. Cultura e ideologia. In: **Dados**. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. Vol. 27, n: 1, 1984, pp- 71 a 89.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GENNEP, Arnold van . **Os ritos de passagem**. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1977.



SILVA, Dedival Brandão da. **Migalhas do Carnaval**. Escolas de samba, educação e patrimônio etnográfico em Abaetetuba. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**. Um conceito antropológico. Rio: Zahar, 1986.

MAUSS, Marcel; DURKHEIM, Émile. Algumas formas primitivas de classificação. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

_____. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca em sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974. 2 vl.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. (Org.). **O dito e o feito**. Ensaio de Antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Núcleo de Antropologia da Política, UFRJ, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 5, n.10, 1992.

RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SEGALEN. M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.